

Sarney pede revisão de política para a Região Nordeste

BRASÍLIA (O GLOBO) — O senador José Sarney (Arena MA) defendeu a "reavaliação da política de desenvolvimento do Nordeste, pois a Sudene e o Banco do Nordeste se esvaziaram, enquanto os incentivos fiscais se vulgarizaram".

— "É indispensável — acrescentou o senador pelo Maranhão — uma avaliação das políticas deflagradas sobre o Nordeste ao longo destes 15 anos, pois é preciso saber o que ocorre, retificar diretrizes, mudar o que for necessário e dinamizar o que for útil."

Ao afirmar que o Ato Institucional nº 5 foi fruto de uma crise político-institucional que teve o Congresso como o seu grande cenário, José Sarney lembrou que "a primeira reforma constitucional provocada por este ato foi a mudança dos critérios do Fundo de Participação, que feriu de morte do Nordeste, o planejamento global, e fez com que, sem recursos, os administradores voltassem ao regime de coletor e soldado de polícia".

Sarney observou que "ninguém em sã consciência poderá afirmar que o Nordeste não mudou, que não progrediu ou não acompanhou o ritmo de crescimento do Brasil".

— "Não se pode dizer, no entanto, que ele criou forças de sustentação interna, sendo capaz de viver com problemas, mas com perspectivas. Também não se pode afirmar que o Nordeste cresceu no ritmo que o Brasil precisava que ele crescesse para deixar de ser o grande problema que o nosso País tem em seu futuro".

Ao assinalar que a "filosofia inicial do projeto de desenvolvimento do Nordeste estava inteiramente errada, pois sua economia foi estimulada no sentido de constituir um compartimento isolado, com estrutura de sustentação interna", o senador José Sarney lembrou que "todos os programas levavam a uma economia regional própria, como um compartimento separado do conjunto da economia brasileira".

— "Na verdade — prosseguiu — quando o País progrediu e houve a integração nacional pelos transportes e comunicações, a frágil economia do Nordeste teve de confrontar-se com a economia de centro-sul, mais forte, e desmoronou-se na sua tentativa de sobrevivência".

Como exemplo marcante desta realidade, Sarney disse que "não foram os produtos industriais do Nordeste, subsidiados pelos incentivos, competir nas praças do Rio e de São Paulo, mas, sim, os produtos primários da região centro-sul, frutos da economia de escala, desde os mais simples, como aves, ovos e legumes, é que foram competir dentro do próprio Nordeste com a frágil economia agrária de subsistência".

— O exemplo da seca de 1971 é típico. A mais fraca seca, em termos de intensidade pluviométrica, mas, a de maiores conseqüências sociais, porque a economia nordestina estava tão combatida que não suportava mais nenhum trauma.

Consciência nacional

Ao discordar dos que responsabilizam simplistamente a Sudene pelos erros da política de desenvolvimento do Nordeste, Sarney disse que "deve-se culpar o País como um todo, não a Sudene, pois, ao mesmo tempo que sempre se repete que a consciência do problema é nacional, na verdade ainda não se configurou o problema em termos de consciência nacional".

"As providências para o Nordeste passaram a ser tomadas em função dos corpos de pressão que se organizavam, ou através de crises e de reivindicações de seus representantes. Com a mudança do critério de representação — os deputados passaram a ser eleitos pelo número de eleitores e não pelo de habitantes, processo único no mundo — o Nordeste perdeu substância política legítima de pressão.

Disse o senador que "além de perder poder de barganha política com a mudança no processo de eleição, o Nordeste perdeu igualmente substância econômica com a mudança dos critérios de distribuição do Fundo de Participação".